

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

“CULTURA É O QUÊ?” - REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA E A ATUAÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS

Daniele Canedo¹

Resumo

Este artigo é baseado na dissertação de mestrado “Cultura, Democracia e Participação Social: um estudo da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia”. Tem como foco central de análise os diferentes usos e conceitos de cultura em voga na contemporaneidade. Inicia-se traçando um breve panorama da evolução do termo e das compreensões que geraram as teorias universalista e particularista da cultura. Em seguida, parte-se do conceito acadêmico de cultura para investigar qual compreensão é a mais aceita pela população na vida cotidiana. Tal estudo foi realizado através da pesquisa de opinião com os participantes da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia, realizada entre agosto e outubro de 2007.

Palavras-chave: cultura; gestão pública; políticas culturais.

Definir o que é cultura não é uma tarefa simples. A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana. Além disso, a palavra “cultura” também tem sido utilizada em diferentes campos semânticos em substituição a outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia” (Cuche, 2002, p.203). Comumente, ouvimos falar em “cultura política”, “cultura empresarial”, “cultura agrícola”, “cultura de células”. Ao que se conclui que, ao nos referirmos ao termo, cabe ponderar que existem distintos conceitos de cultura, no plural, em voga na contemporaneidade.

Parte desta complexa distinção semântica se deve ao próprio desenvolvimento histórico do termo. A palavra cultura vem da raiz semântica *colore*, que originou o termo em latim *cultura*, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar

¹ Graduada em Produção em Comunicação e Cultura (UFBA). Mestre em Cultura e Sociedade e doutoranda do PPG em Cultura e Sociedade (UFBA). Docente dos cursos de Produção em Comunicação e Cultura (UFBA) e de Jornalismo (UNIME). dpcanedo@ufba.br

com veneração (Williams, 2007, p.117). Até o século XVI, o termo era geralmente utilizado para se referir a uma ação e a processos, no sentido de ter “cuidado com algo”, seja com os animais ou com o crescimento da colheita, e também para designar o estado de algo que fora cultivado, como uma parcela de terra cultivada. A partir do final do século passado ganha destaque um sentido mais figurado de cultura e, numa metáfora ao cuidado para o desenvolvimento agrícola, a palavra passa a designar também o esforço despendido para o desenvolvimento das faculdades humanas. Em consequência, as obras artísticas e as práticas que sustentam este desenvolvimento passam a representar a própria cultura.

Tanto Denys Cuche, na obra *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais* (2002), quanto Raymond Williams, em *Palavras Chaves: um vocabulário de cultura e sociedade* (2007), apontam os séculos XVIII e XIX como o período de consolidação do uso figurado de cultura nos meios intelectuais e artísticos. Expressões como “cultura das artes”, “cultura das letras” e “cultura das ciências” demonstram que o termo era, então, utilizado seguido de um complemento, no sentido de explicitar o assunto que estava sendo cultivado. A partir deste período, a cultura passa a conformar sentidos distintos em países como a França e a Alemanha, de modo que Cuche alerta que “sob as divergências semânticas sobre a justa definição a ser dada à palavra, dissimulam-se desacordos sociais e nacionais” (2002, p.12).

No pensamento iluminista francês, a cultura caracteriza o estado do espírito cultivado pela instrução. “A cultura, para eles, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (Cuche, 2002, p.21). No vocabulário francês da época, a palavra também estava associada às idéias de progresso, de evolução, de educação e de razão. Cultura e civilização andavam de mãos dadas, sendo que a primeira evocava os progressos individuais e a segunda, os progressos coletivos. Neste sentido, há uma diferenciação entre o estado natural do homem, irracional ou selvagem, posto que sem cultura; e a cultura que ele adquire através dos canais de conhecimento e instrução intelectual. Decorre daí a idéia de que as comunidades primitivas poderiam evoluir culturalmente e alcançar o estágio de progresso das nações civilizadas. Este pensamento também deu origem a um dos sentidos mais utilizados em nossos dias, que caracteriza como possuidores de cultura os indivíduos detentores do saber formal. No século XIX, a

noção francesa de cultura se ampliaria para uma dimensão coletiva, se aproximando do significado de civilização e, até mesmo, o substituindo.

Na Alemanha, os primeiros usos do sentido figurado de *Kultur* no século XVIII guardavam similaridade com o pensamento francês. A idéia de cultura como civilização era comumente utilizada pelos príncipes da aristocracia alemã, que estavam “preocupados demais em imitar as maneiras civilizadas da corte francesa” (Cuche, 2002, p.25). Acontece uma inversão de sentido no momento em que a intelectualidade burguesa, que não compartilhava o poder com os nobres, passa a criticar a superficialidade dos hábitos cerimoniais dos príncipes alemães, relacionados com a civilização, em contraposição com a cultura, que caracteriza, neste pensamento, o que é autêntico, profundo e que contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual. Segundo Cuche, a civilização, relacionada à nação francesa, passa a ser colocada em oposição à cultura que, entendida como uma marca distintiva da originalidade e da superioridade do povo alemão, adquire um importante papel nas discussões nacionalistas que se conformariam nos períodos históricos posteriores e que culminariam na Primeira Guerra Mundial.

Estendida à “nação” alemã, ela [a cultura] participa da mesma incerteza; ela é expressão de uma consciência nacional que se questiona sobre o caráter específico do povo alemão que não conseguiu ainda a sua unificação política. Diante do poder dos Estados vizinhos, a França e a Inglaterra em particular, a ‘nação alemã’, enfraquecida pelas divisões políticas, esfacelada em múltiplos principados, procura afirmar sua existência glorificando sua cultura (Cuche, 2002, p.27).

A evolução do significado de cultura no debate entre estes dois países marcou a formação das duas concepções de cultura que estão na base dos estudos das Ciências Sociais. O entendimento francês de cultura como característica do gênero humano deu origem ao conceito universalista. Já a concepção alemã de que a cultura é “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade” (Cuche, 2002, p.28) origina o conceito particularista da cultura.

A concepção universalista da cultura foi sintetizada por Edward Burnett Tylor (1832-1917) que, segundo Cuche (2002, p.39), é considerado o fundador da antropologia britânica. Ele escreveu a primeira definição etnológica da cultura, em

1817, onde marca o caráter de aprendizado cultural em oposição à idéia de transmissão biológica:

Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (*apud* Laraia, 2006, p.25).

Todavia, Tylor defendia o princípio do evolucionismo, que acreditava haver uma escala evolutiva de progresso cultural que as sociedades primitivas deveriam percorrer para chegar ao nível das sociedades civilizadas.

Contrário à concepção evolucionista, Franz Boas (1858-1942) foi um dos pesquisadores que mais influenciaram o conceito contemporâneo de cultura na antropologia americana. Ele é apontado como o inventor da etnografia por ter sido o primeiro antropólogo a fazer pesquisas com observação direta das sociedades primitivas. Em seus estudos, Boas concluiu que a diferença fundamental entre os grupos humanos era de ordem cultural e não racial ou determinada pelo ambiente físico. Sendo assim, defendia que, ao estudar os costumes particulares de uma determinada comunidade, o pesquisador deveria buscar explicações no contexto cultural e na reconstrução da origem e da história daquela comunidade. Decorre dessa constatação o reconhecimento da existência de culturas, no plural, e não de uma cultura universal.

A partir desses estudos iniciais, outras abordagens do conceito de cultura se desenvolveram nas ciências sociais e em diversas áreas do pensamento humano como consequência do fenômeno que Albino Rubim chama de “automização da cultura como campo singular”, que mobiliza mercados consumidores e permite atuações profissionais, acadêmicas e políticas. Para o autor, “cabe propor mesmo uma centralidade para a cultura” no mundo contemporâneo (2006, p.2).

Diante da multiplicidade de interpretações e usos do termo cultura, adotamos como referência neste trabalho três concepções fundamentais de entendimento da cultura, como: 1) modos de vida que caracterizam uma coletividade; 2) obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; e 3) fator de desenvolvimento humano.

Na primeira concepção, a cultura é definida como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais. Ela se produz “através da interação social dos

indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas”, como ressalta Isaura Botelho (2001, p.2). Marilena Chauí também chama a atenção para a necessidade de alargar o conceito de cultura, tomando-o no sentido de invenção coletiva de símbolos, valores, idéias e comportamentos, “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais” (1995, p.81). Valoriza-se o patrimônio cultural imaterial - os modos de fazer, a tradição oral, a organização social de cada comunidade, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular que remontam ao mito formador de cada grupo. Como salienta Botelho:

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas conseqüências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (2007, p.110).

A segunda concepção é dotada de uma visão mais restrita da cultura, referindo-se às obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento, vistas sobretudo como atividade econômica. Esta dimensão não se dá no plano da vida cotidiana do indivíduo, mas sim em âmbito especializado, no circuito organizado. “É uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (Botelho, 2001, p.2). A produção, distribuição e consumo de bens e serviços que conformam o sistema de produção cultural se tornou estratégica para o desenvolvimento das nações, na medida em que estas atividades movimentam uma cadeia produtiva em expansão, contribuindo para a geração de emprego e renda. Conforme salientado por Rubim,

A profusão das ‘indústrias’, dos mercados e dos produtos culturais na atualidade; o acelerado desenvolvimento das sócio-tecnologias de criação e produção simbólicas; o aumento inusitado dos criadores; o surgimento de novas modalidades e habilidades culturais; a concentração de recursos nunca vista neste campo sugerem não só a importância do campo cultural na contemporaneidade, mas abrem, sem garantir, perspectivas de uma rica diversidade (multi)cultural e possibilidades de reorganizações da cultura (1997, p.114).

A Economia da Cultura estuda a influência dos valores, das crenças e dos hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas. “Vista sob esse ângulo, a cultura é tida como fator de propulsão ou de resistência ao desenvolvimento

econômico” (Reis, 2007, p.1). Além das tradicionais atividades culturais, como literatura, artes visuais, teatro, música, dança, audiovisual, arquitetura e artesanato, as indústrias criativas também abarcam outros setores como moda, designer, marketing e propaganda, decoração, esportes, turismo, aparelhos eletrônicos, tecnologia, telefonia, internet, brinquedos e jogos eletrônicos. Na relação entre cultura e mercado, acontecem dois processos distintos: a mercantilização da cultura, quando as atividades culturais passam a ser concebidas visando à distribuição em massa e, conseqüentemente, a geração de lucro comercial; e a culturalização da mercadoria, que ocorre através da atribuição de valor simbólico a objetos do uso cotidiano. Até mesmo as características culturais de um determinado local ou povo podem ser transformadas em bens vendáveis para o turismo ou como *locus* para a produção audiovisual.

A terceira concepção da cultura ressalta o papel que ela pode assumir como um fator de desenvolvimento social. Sob esta ótica, as atividades culturais são realizadas com intuítos sócio-educativos diversos: para estimular atitudes críticas e o desejo de atuar politicamente; no apoio ao desenvolvimento cognitivo de portadores de necessidades especiais ou em atividades terapêuticas para pessoas com problemas de saúde; como ferramenta do sistema educacional a fim de incitar o interesse dos alunos; no auxílio ao enfrentamento de problemas sociais, como os altos índices de violência, a depredação urbana, a ressocialização de presos ou de jovens infratores. Embora muitos pesquisadores e artistas critiquem esta visão como sendo utilitária, pois acreditam no valor da arte em si mesma, é fato que a cultura pode e deve exercer um papel na formação política e social dos indivíduos. Segundo Néstor Garcia Canclini, é possível ver a cultura “como parte de la socialización de las clases y los grupos en la formación de las concepciones políticas y en el estilo que la sociedad adopta en diferentes líneas de desarrollo” (1987, p.25).

Portanto, afirmamos que na atualidade é possível compreender a cultura através de três concepções fundamentais. Primeiro, em um conceito mais alargado onde todos os indivíduos são produtores de cultura, que nada mais é do que o conjunto de significados e valores dos grupos humanos. Segundo, como as atividades artísticas e intelectuais com foco na produção, distribuição e consumo de bens e serviços que conformam o sistema da indústria cultural. Terceiro, como instrumento para o desenvolvimento político e social, onde o campo da cultura se confunde com o campo social.

Cultura é o quê? – as respostas de quem faz cultura

Partindo da evolução do conceito acadêmico de cultura, interessava-nos descobrir qual compreensão é a mais aceita pela população, qual é mais utilizada na vida cotidiana. Tendo em vista as delimitações geográficas, temporais e financeiras impostas à atividade acadêmica, optamos por investigar a opinião dos participantes da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia (II CEC-BA).

A dissertação de mestrado intitulada “Cultura, Democracia e Participação Social: um estudo da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia”², apresenta os resultados da pesquisa de participação da II CEC-BA realizada através de *survey online* com participantes de 89 cidades dos 26 Territórios de Identidade. Os questionários foram respondidos entre janeiro e fevereiro de 2008 por 153 pessoas, o que representa 10% do total de inscritos na Conferência Estadual. Com base nas respostas concedidas pelos entrevistados, foram analisadas as três etapas do processo. Entre os tópicos pesquisados, estava a campanha “Cultura é o quê?”, com o objetivo de registrar as respostas e identificar qual a percepção que os participantes tinham sobre a cultura.

A II CEC-BA foi realizada entre agosto e outubro de 2007. O processo foi dividido em três etapas subseqüentes: Encontros Municipais de Cultura, Encontros Territoriais de Cultura e Conferência Estadual. Foram realizados 390 encontros municipais, o que representa 94% do total de 417 municípios da Bahia. Estiveram presentes nestes eventos 36.554 pessoas. Por sua vez, os encontros nos 26 Territórios de Identidade contaram com a presença de 3.833 pessoas de 387 municípios, o que representa 84% do total. Na Conferência Estadual, foi registrada a participação de 2.042 pessoas, sendo 1.465 participantes inscritos e 577 artistas de grupos que se apresentaram nas celebrações culturais. Ou seja, 42.429 pessoas responderam à convocação pública para a elaboração de políticas culturais para o Estado.

O material gráfico da campanha publicitária da II CEC-BA trazia uma imagem composta por impressões deixadas por mãos sujas de tintas nas cores vermelho, amarelo, verde e azul sobre um fundo claro. Por cima, uma tarja preta com a seguinte frase impressa: Cultura é o quê? No spot para rádio e no VT para televisão, vozes de

² Dissertação apresentada em abril de 2008 ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

pessoas de diversas faixas etárias repetiam a questão “Cultura é o quê?”. A questão formulada de forma instigante convocava a população para refletir sobre os muitos significados contidos na palavra cultura e quais compromissos devem ser assumidos pelos poderes públicos e pela sociedade para a gestão das políticas para a área.

Este intuito de construção coletiva está presente já no pronunciamento do secretário Estadual de Cultura, Márcio Meirelles:

Cultura é o quê? Essa é uma pergunta com muitas respostas, mas a gente precisa construir, juntos, essas respostas. E estamos aqui para isso, para perguntar principalmente qual o papel do Estado em relação à cultura. Para perguntar como é que ele pode avançar junto com a população na construção de políticas públicas para que a cultura numa comunidade, numa cidade, nele como um todo, tenha de fato o seu papel assegurado, papel de promotora e propulsora do desenvolvimento humano. Não é possível desenvolvimento econômico sem desenvolvimento humano e é assim que essa nova administração do Estado entende o papel da cultura³.

Como vimos anteriormente, existem distintos conceitos e usos da palavra cultura em voga na contemporaneidade. A cultura possui caráter transversal, pois perpassa diferentes campos da vida cotidiana. Além disso, o termo é utilizado em áreas multidisciplinares de conhecimento, o que amplia o leque de possibilidades de compreensão da cultura. A provocação feita pela Secretaria Estadual de Cultura da Bahia colocou a questão em um lugar central nas discussões durante o processo de realização da conferência e estimulou a reflexão sobre o significado da palavra cultura.

Os resultados foram perceptíveis durante o processo da II CEC-BA. Em todos os locais, durante os eventos municipais, territoriais e na etapa estadual, foi possível ver os participantes questionando ou respondendo à referida pergunta. Muitas compunham músicas, poesias, versos e trovas buscando responder o que é cultura, como no texto abaixo:

Cultura é o quê?

Cultura são mãos empoeiradas, pés rachados, no chão, árido, seco, mas com uma esperança de que tudo vai melhorar.

Cultura são mãos calejadas da roça, sofrida, da criança brincando de esconde-esconde, de bolinhas de gude, de pão, arrastando a bunda no chão, das roupas rasgadas, mas feliz com apenas um pedaço de pão.

³Trecho extraído do pronunciamento do Secretário Estadual de Cultura, Márcio Meirelles, no vídeo de apresentação da II Conferência Estadual de Cultura.

Cultura é mulher rendeira, oleira, tecendo tricô, crochê, costurando cobertor de tacos de panos. É valorizar a vida das pessoas conforme seus princípios, sua criação... mais o amor valendo em tudo para superar os mal tratos as dores... e você se vê valorizado pelo que é, faz, e projeta.

Cultura é tudo que você imagina, realiza, sonha, projeta e ajuda a transformar realidades.

Joeldo Santana
São José do Jacuípe-BA, 22/01/2008⁴.

Para analisar as respostas, buscamos primeiramente reunir os termos que aparecem de forma freqüente. Depois, classificamos as respostas de acordo com as três compreensões de cultura já apresentadas: 1) modos de vida que caracterizam uma coletividade; 2) obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; 3) fator de desenvolvimento humano.

As expressões que mais aparecem nas respostas são: “tudo”, “vida” e “povo”. Fala-se quase sempre de cultura como “expressão de um povo”, “tradição de um povo”, “manifestação popular espontânea e legítima” e “saber popular”. Também são constantes nas respostas as seguintes palavras: herança, tradição, costumes, hábitos e valores.

[Cultura] são todas as manifestações artísticas e expressões coletivas, hábitos e costumes de um povo. Tudo aquilo que identifica "uma gente" com podo de uma terra, o que é peculiar a determinado grupo (2646531, 05/01/2008).⁵

Cultura e o que se vive a cada dia é a historia de um povo e o que este deixa para posteridade (2671058, 16/01/2008).

É toda e qualquer manifestação expressa pelo povo, independente dos recursos despendidos para que ela aconteça (2646364, 05/01/2008).

Na maioria das respostas, podemos notar a presença forte de uma concepção que identifica cultura com os modos de vida que caracterizam uma coletividade, numa aproximação à dimensão antropológica da cultura.

Cultura está ligada com tudo o que o homem produz, faz e pensa. Ações, hábitos, crenças, valores, pensamentos e as relações que temos com tudo e todos que nos cerca (2657353, 09/01/2008).

Toda produção material e simbólica que possui significados para uma comunidade, um grupo social ou um povo é cultura, a meu ver (2671009, 16/01/2008).

A Cultura é a nossa vida. Todos os nossos movimentos, costumes, gestos e modo de viver serão também a nossa cultura. Cultura é o povo, é uma mistura de raça (2671020, 16/01/2008).

⁴ Texto enviado pelo autor à pesquisadora, por e-mail, durante a pesquisa de avaliação da II Conferência Estadual de Cultura.

⁵ Para garantir a privacidade dos entrevistados, o sistema gerava um código diferente para cada questão aberta respondida, de modo que as respostas podem ser apresentadas e analisadas sem que seja necessário identificar nominalmente o respondente.

Uma colcha de "fuxico" ilustra bem o que penso sobre cultura: a união de diversos aspectos, a princípio distintos entre si, constituintes da alma de um povo, ou de um grupo, que servem como um reforço à afirmação de sua identidade (2647825, 06/01/2008).

É interessante notar que mesmo nas respostas que identificam cultura como obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento, há sempre uma ressalva que associa “arte” com “povo”.

São todas as manifestações artísticas, que caracterizam um povo, sua língua, sua música, sua poesia, sua dança, seus ritmos, sua escrita, suas esculturas, suas pinturas, que não são efêmeras e sim atemporais, que resistem ao longo dos tempos e ao padrão de cultura descartável e passageiro da grande mídia (2698841, 28/01/2008).

Cultura é a dança, a música, o terno de reis, os bumbeiros enfim é a demonstração de tudo de bom e belo que temos na Bahia (2671544, 16/01/2007).

É arte popular (2702352, 29/01/2008).

Dos 153 entrevistados que responderam a esta questão aberta, foram poucas as respostas que identificaram cultura com erudição ou conhecimento.

Cultura é estar bem informado acerca das questões sócio-políticas da cidade, estado, etc... isto é cultural, cultura é informação (2671017, 16/01/2008).

Cultura é conhecimento, é saber (2671154, 16/01/2008).

O que podemos inferir das respostas é que a definição mais aceita pelos respondentes da pesquisa de avaliação da II Conferência Estadual de Cultura é aquela que identifica cultura com os modos de vida que caracterizam uma coletividade, onde todos os sujeitos são produtores da cultura. Poucos entrevistados fizeram menção a um conceito restrito ligado às práticas e atividades artísticas que compõem o sistema de produção da indústria cultural. Também foram poucas as respostas que apresentavam uma compreensão da cultura como conhecimento intelectual adquirido, conceito que teve suas origens na teoria evolucionista de civilização dos teóricos franceses. Ao contrário, observamos uma repetição de palavras e expressões que relacionam “cultura” e “povo”.

Considerações Finais

Através da análise das respostas dos 153 entrevistados sobre o que é cultura foi possível constatar que os participantes da II CEC-BA estavam convictos de que a

população faz cultura através de seus costumes e tradições. A idéia de cultura como produto do conhecimento acadêmico ou científico não vigora entre os participantes. Também foram poucas as pessoas que afirmaram uma compreensão de cultura relacionada à área restrita da indústria do entretenimento, da produção cultural, ou apenas ligada às atividades sociais. Vale ressaltar que todo o processo de discussão e de valorização das manifestações culturais populares fomentado pela realização das três etapas da Conferência Estadual de Cultura deve ter contribuído para a formação de uma compreensão mais ampla de cultura.

De todos os modos, o papel central que a cultura exerce na vida da sociedade contemporânea exige uma atuação efetiva dos poderes públicos através da implantação de órgãos específicos para a gestão cultural nas esferas municipal, estadual e federal, e da elaboração e execução de políticas públicas. Ao relacionarmos os conceitos de cultura em voga na contemporaneidade e a necessidade de políticas públicas que atendam às diferentes demandas da população, questionamos se é possível escolher qual das concepções listadas neste artigo é a mais correta ou a mais adequada para a atuação governamental no setor.

O primeiro passo na busca a uma resposta a questão é delimitarmos o conceito de política cultural. Neste sentido, adotamos a definição de Nestor Garcia Canclini, na qual política cultural é:

El conjunto de intervenciones realizadas por el estados, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. Pero esta manera necesita ser ampliada teniendo en cuenta el carácter transnacional de los procesos simbólicos y materiales en la actualidad (2001, p.65)

Vale ressaltar dois aspectos fundamentais presentes na definição do autor: 1) os atores sociais que devem estar envolvidos nas políticas culturais; e 2) os objetivos dessas políticas.

Em relação aos atores, vimos que essas intervenções devem envolver os poderes públicos, as instituições civis e os grupos comunitários. A democracia cultural, também chamada de cidadania cultural, é uma concepção de gestão das ações para o setor que entende que a população é o alvo das políticas públicas e a maior conhecedora de suas reais necessidades. Sendo assim, a população deve compartilhar

responsabilidades com o Estado em relação à elaboração e a execução das políticas públicas.

Canclini também ressalta que a política cultural deve ter como objetivo orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e contribuir para algum tipo de ordem ou transformação social. O Estado deve dar apoio às diversas manifestações clássicas, eruditas e populares; profissionais e experimentais; consagradas e emergentes; e reconhecer as dinâmicas inovadoras de movimentos sociais, comunitários, religiosos, étnicos ou de gênero. Esta concepção não é contrária a ações pontuais, como a promoção de grandes festas e eventos, mas privilegia ações com sentido contínuo. Além disso, as atividades devem preferencialmente acontecer mais próximas de onde as pessoas vivem, nos seus espaços de origem, buscando a descentralização das ações.

Portanto, se a política cultural for elaborada com estes objetivos, não será possível escolher entre as concepções de cultura apenas uma para a atuação governamental. Caso estas visões sejam tratadas de forma excludente, a política pública poderá deixar de lado fatores importantes como a preservação e o respeito às tradições culturais; o potencial econômico das indústrias criativas; ou o papel da cultura como fator de desenvolvimento humano. Sendo assim, acreditamos que estes três aspectos devem ser levados em consideração na elaboração de políticas públicas de cultura, porém ressaltando que a população deve ser o foco das ações.

No sentido da efetivação de uma política cultural mais ampla, apontamos cinco circuitos de intervenção que devem ser perseguidos pelas políticas públicas, visando sempre à democracia cultural. Os quatro primeiros circuitos se baseiam na sugestão de Teixeira Coelho (2004, p. 297), e o quinto decorre da necessidade por nós constatada de inserir a formação como outro circuito a ser contemplado pelas políticas culturais:

- 1) Apoio a setores de produção, distribuição e consumo da cultura, incluindo as atividades da nova cultura tecnológica, e incentivo a atuação da iniciativa privada na produção cultural, visando ao desenvolvimento econômico de setor;
- 2) garantia de autonomia e funcionamento dos grupos culturais que estão alheios ao mercado cultural, como manifestações da cultura popular, artistas experimentais, grupos amadores, etc., tendo como objetivo a valorização das identidades e da diversidade cultural;

- 3) apoio a organização administrativa da cultura, através da criação e manutenção dos órgãos, instituições e equipamentos culturais, bem como investimento na utilização e na movimentação cultural de espaços informais de sociabilidade, como escolas, centros comunitários, quadras esportivas, etc;
- 4) desenvolvimento de iniciativas objetivando garantir à população: participação nas esferas de decisão pública sobre a cultura, acesso e fruição dos bens culturais, oportunidades de criar e manifestar-se culturalmente;
- 5) investimento no desenvolvimento de indicadores culturais, estudos e pesquisas; além de formação de profissionais para atuarem na área da cultura, seja como artistas ou como gestores.

Referências

BAHIA. Secretaria Estadual de Cultura. **Descentralização da Secretaria da Cultura e democratização do processo de formulação de políticas para o desenvolvimento da cultura no Estado da Bahia - Um processo em construção.** 2007. Disponível em: www.cultura.ba.gov.br. Acesso em 20/12/2007.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02/04/2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. Definiciones em transición. In: MATO, Daniel (org.) **Estudios latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales em tiempos de globalización.** Buenos Aires, Clacso, 2001, p.65.

_____. Políticas culturais y crisis de desarrollo: un balance latinoamericano. In: CANCLINI, Néstor Garcia(org). **Políticas culturales en América Latina.** México: Editorial Grijalbo, 1987, p. 13-59.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. São Paulo: **Estudos Avançados 9** (23), 1995, p.71-84.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural.** São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais: entre o possível e o impossível. In: **Teorias e Políticas da Cultura**. Gisele Marchiori Nussbaumer (org). Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. **Políticas públicas de cultura no Brasil e na Bahia**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/artigos>. Acesso em 10/09/2007.

_____; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

Websites:

<http://www.cultura.ba.gov.br/>

<http://www.cultura.gov.br/>